

TENDÊNCIAS NAS HORAS DEDICADAS AO TRABALHO E LAZER: UMA ANÁLISE DA ALOCAÇÃO DO TEMPO NO BRASIL

Ana Luiza Neves de Holanda Barbosa¹

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, algumas mudanças importantes foram observadas com relação ao uso do tempo dedicado ao trabalho remunerado (no mercado) e ao trabalho não remunerado (em afazeres domésticos). No Brasil, por exemplo, entre as mulheres, nota-se um aumento nas horas trabalhadas no mercado, enquanto entre os homens ocorreu uma expressiva redução. Com relação às horas despendidas em afazeres domésticos, verifica-se uma diminuição para as mulheres e um leve aumento para os homens.² Portanto, as diferenças por gênero quanto ao uso do tempo com relação ao trabalho têm se estreitado ao longo dos últimos anos.³

A literatura aponta alguns fatores que contribuíram para a redução da jornada de trabalho doméstico, em especial a das mulheres, gerando efeitos positivos na sua entrada na força de trabalho. Entre os principais, encontram-se as transformações ocorridas na estrutura e na composição das famílias, além de uma maior facilidade de arranjos formais e informais para o cuidado dos filhos e da maior eficiência na produção de bens e serviços domésticos (Browning, Chiappori e Weiss, 2014; Greenwood e Vandenbroucke, 2008; Greenwood, Seshadri e Yorukoglu, 2005; Goldin, 1989; Heckman, 1974).⁴

A evidência empírica sobre o uso do tempo dedicado a atividades não associadas ao trabalho no mercado e em afazeres domésticos também já é bem estabelecida na literatura. Em especial, o uso do tempo dedicado ao lazer tem recebido especial atenção em anos recentes (Aguiar, Hurst e Karabarbounis, 2012; Aguiar e Hurst, 2007). Essas evidências só se tornam possíveis em função da existência de pesquisas específicas

1. Pesquisadora na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea e professora no Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais – Rio de Janeiro (Ibmec-RJ). *E-mail*: <ana.barbosa@ipea.gov.br>.

2. Pnads de 2001 a 2015.

3. Essa redução da desigualdade de horas despendidas no trabalho doméstico ocorre na maior parte dos países ocidentais. Vale observar que, se a análise restringir-se à população ocupada, a redução nessas disparidades é ainda maior (United Nations, 2015).

4. Greenwood e Vandenbroucke (2008) argumentam que o processo tecnológico foi o grande agente transformador na redução da média do número de horas no trabalho no mercado e no trabalho doméstico em uma análise de longo prazo para os Estados Unidos. Para um arcabouço teórico sobre a produção doméstica e a alocação do uso do tempo, ver Becker (1965).

de uso do tempo, que coletam informações de como os indivíduos alocam o seu tempo não só no trabalho (remunerado e não remunerado), como também em atividades associadas à educação, ao lazer, entre outras diversas atividades da rotina diária das pessoas.⁵ A ausência destes tipos de pesquisas no Brasil dificulta análises sobre o uso do tempo direcionado a atividades não vinculadas ao trabalho, sendo ele remunerado ou não.

O objetivo desta nota é documentar tendências na alocação do tempo no Brasil ao longo do período entre 2001 e 2015. Em particular, pretende-se analisar a evolução das jornadas semanais de trabalho no mercado e em afazeres domésticos, além do tempo semanal de deslocamento entre casa e trabalho e das horas semanais dedicadas ao lazer. A análise é feita por gênero e tem como base a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE (Pnad/IBGE). A metodologia adotada baseia-se no estudo de Aguiar e Hurst (2007), que documentam as tendências na alocação do tempo ao longo de um período de 40 anos para os Estados Unidos. Dada a indisponibilidade de pesquisas específicas sobre uso do tempo no Brasil, a definição de lazer adotada nesta nota é feita de forma residual, isto é, lazer é definido como o tempo não dedicado às atividades de trabalho (remunerado e não remunerado) e ao deslocamento entre casa e trabalho.

Além desta introdução, este texto está organizado da seguinte forma: a seção 2 trata da base de dados. A seção 3 apresenta a evolução do tempo dedicado ao trabalho no mercado, em afazeres domésticos e no deslocamento entre casa e trabalho ao longo do período de 2001 a 2015 no Brasil. A seção 4 traz a evolução do tempo dedicado ao lazer no Brasil para o mesmo período de análise. A seção 5 apresenta a metodologia utilizada para análise das tendências no uso do tempo e traz os principais resultados desta nota. Por fim, a seção 6 é dedicada às considerações finais.

2 BASE DE DADOS

A análise empírica apresentada neste trabalho utiliza informações da Pnad conduzida desde 1967 pelo IBGE. A Pnad é uma pesquisa domiciliar, com representatividade nacional, realizada anualmente, cujas informações são referentes às características gerais da população, à migração, à educação, ao trabalho. A Pnad não é uma pesquisa específica de uso do tempo e, por isso, a única medida possível de lazer é a definição mais abrangente adotada por Aguiar e Hurst (2007). Ou seja, lazer é definido de forma residual: a dotação total do tempo é descontada do trabalho no mercado, do trabalho em afazeres domésticos e do tempo de deslocamento casa-trabalho. Assim, as principais variáveis da Pnad utilizadas para a definição de lazer nesse estudo são as horas semanais trabalhadas no mercado, as horas dedicadas aos afazeres domésticos e as horas de deslocamento casa-trabalho.

As horas normalmente trabalhadas no mercado por semana, disponibilizadas a partir de 1976, referem-se às horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal, no secundário e nos demais trabalhos remunerados que a pessoa tinha na semana de referência. A definição de trabalho no mercado (ou trabalho em atividade econômica) segue a definição de trabalho adotada pelo IBGE e compreende o trabalho

5. Birch, Le e Miller (2009) fazem uma análise detalhada sobre pesquisas de uso do tempo, além de fornecerem uma visão abrangente de como as informações sobre uso do tempo podem ser utilizadas em pesquisas empíricas. Para outra análise sobre os avanços e as limitações sobre este tipo de pesquisa, ver Aguiar, Hurst e Karabarbounis (2012).

remunerado, o trabalho não remunerado exercido em determinadas atividades e o trabalho na produção para o próprio consumo ou na construção para o próprio uso.⁶

As horas dedicadas aos afazeres domésticos são as horas por semana que as pessoas habitualmente dedicavam a esses afazeres.⁷ A Pnad define afazeres domésticos como a realização de tarefas ou atividades (que não se enquadram no conceito de trabalho remunerado) de: *i*) arrumar ou limpar toda ou parte da moradia; *ii*) cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando ou não aparelhos eletrodomésticos para executar estas tarefas para si ou para outro(s) morador(es); *iii*) orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução das tarefas domésticas; *iv*) cuidar de filhos ou menores moradores; ou *v*) limpar o quintal ou o terreno que circunda a residência. Vale observar que, quanto ao número de horas, tanto para as horas normalmente trabalhadas na semana quanto para as horas dedicadas aos afazeres domésticos, a investigação da Pnad foi feita em horas inteiras, considerando trinta minutos ou mais como uma hora e desprezando os períodos inferiores a trinta minutos.

A variável sobre o tempo que os indivíduos gastam nos deslocamentos de casa para o trabalho (código V9057), disponibilizada pelo IBGE desde 1992, é construída como variável categórica com os seguintes intervalos: *i*) até trinta minutos; *ii*) entre trinta minutos e uma hora; *iii*) entre uma e duas horas; e *iv*) duas horas ou mais.⁸ Com base no método adotado em Pereira e Schwanen (2013) e sugerido em Bussab e Morettin (1987), o tempo médio de deslocamento das viagens foi calculado utilizando o ponto médio de cada categoria intermediária e o primeiro ponto da última categoria aberta.⁹

A definição de lazer adotada neste estudo compreende a dotação do tempo semanal de uma pessoa (cento e sessenta e oito horas semanais) menos as horas normalmente trabalhadas no mercado por semana, as horas por semana que habitualmente dedicava aos afazeres domésticos e o tempo semanal que a pessoa gasta no deslocamento de casa para o trabalho. A amostra utilizada é composta por homens e mulheres com idade entre 15 e 64 anos para os anos de 2001 a 2015. Para manter a comparabilidade das Pnads ao longo do tempo, foi preciso harmonizá-las retirando as informações dos indivíduos moradores em áreas rurais da região Norte do país, pois apenas a partir de 2004 essas áreas passaram a fazer parte da amostra das Pnads.

6. São considerados os trabalhos não remunerados exercidos: *i*) em ajuda a membro da unidade domiciliar que tivesse trabalho como: empregado na produção de bens primários (que compreende as atividades da agricultura, da silvicultura, da pecuária, da extração vegetal ou mineral, da caça, da pesca e da piscicultura), conta-própria ou empregador; *ii*) em ajuda à instituição religiosa, beneficente ou de cooperativismo; ou *iii*) como aprendiz ou estagiário. Foram incluídas também as horas que a pessoa habitualmente ocupava fora do local de trabalho em tarefas relacionadas com a sua ocupação no trabalho considerado.

7. Importante observar que ao longo do texto usamos o termo “trabalho não remunerado” ou “trabalho doméstico” como referência ao trabalho dedicado aos afazeres domésticos. Ambos os termos têm definições distintas na Pnad: o trabalho não remunerado está associado ao trabalho em ajuda a membro da unidade domiciliar que tivesse trabalho como empregado na produção de bens primários, como conta-própria ou empregador, enquanto o trabalho doméstico está associado à posição ocupacional de emprego doméstico.

8. Pereira e Schwanen (2013) afirmam que a Pnad é a única pesquisa amostral de larga escala que permite monitorar anualmente quanto tempo as pessoas gastam em viagens casa-trabalho em níveis nacional, estadual e metropolitano.

9. É importante observar que esta pergunta no questionário da Pnad é feita apenas para aquelas pessoas que declararam fazer viagens de casa direto para o trabalho. Pessoas que trabalham de casa ou cujo emprego se localiza dentro do mesmo terreno onde mora não são consideradas.

Para análise da evolução do uso do tempo no Brasil serão utilizadas duas abordagens. A primeira é uma análise descritiva da evolução da média amostral de cada atividade de uso do tempo (horas de trabalho no mercado, horas em afazeres domésticos, horas de deslocamento entre casa e trabalho e horas dedicadas ao lazer) ao longo do período 2001-2015. A segunda abordagem trata de condicionar as variações das atividades do uso do tempo em variáveis demográficas (idade, educação, estado conjugal etc.). As duas abordagens são apresentadas em seguida.

3 TRABALHO REMUNERADO, NÃO REMUNERADO E DESLOCAMENTO NO BRASIL AO LONGO DO PERÍODO 2001-2015

Ao longo dos últimos anos, algumas mudanças importantes foram observadas com relação ao uso do tempo dedicado ao trabalho no mercado e em afazeres domésticos. Por um lado, o gráfico 1 revela um aumento nas horas trabalhadas no mercado entre as mulheres até o ano de 2014 (de vinte e uma para vinte e três horas semanais), e uma diminuição em 2015 (voltando a vinte e uma horas semanais). Os homens, por sua vez, apresentaram uma redução de cinco horas semanais no período (passando de quarenta horas de trabalho semanais em 2001 para trinta e cinco horas em 2015; gráfico 2). Tais resultados assemelham-se àqueles encontrados em Aguiar e Hurst (2007), em que se verifica uma elevação das horas dedicadas ao trabalho no mercado para as mulheres americanas e uma redução dessas horas para os homens americanos.¹⁰

Por outro lado, com relação às horas despendidas em afazeres domésticos, o gráfico 1 aponta uma redução significativa para as mulheres brasileiras (queda de sete horas semanais), enquanto o gráfico 2 mostra um aumento bastante pequeno para os homens brasileiros (de cinco horas semanais em 2001 para seis horas em 2015). Neste caso, os resultados são semelhantes aos encontrados em Aguiar e Hurst (2007).¹¹ Essas diferenças por gênero, quanto ao uso do tempo com relação ao trabalho não remunerado, têm se estreitado ao longo dos últimos anos, não só no Brasil e nos Estados Unidos, mas na maior parte dos países do Ocidente (Browning, Chiappori e Weiss, 2014).

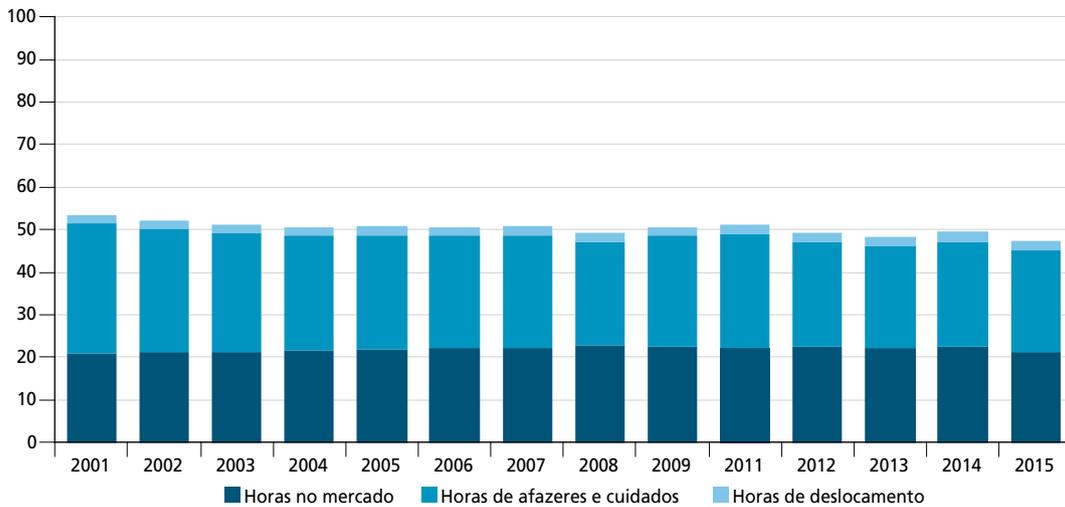
De forma geral, a literatura aponta alguns fatores que contribuíram para essa redução da jornada de trabalho doméstico, em especial a das mulheres, gerando efeitos positivos na sua entrada na força de trabalho. Entre os principais, encontram-se as transformações ocorridas na estrutura e na composição das famílias, além de uma maior facilidade de arranjos formais e informais para o cuidado dos filhos e da maior eficiência na produção de bens e serviços domésticos (Browning, Chiappori e Weiss, 2014; Greenwood, Seshadri e Yorukoglu, 2005; Goldin, 1989; Heckman, 1974).

10. Os homens americanos reduziram, em média, onze horas de trabalho dedicadas ao mercado entre 1965 e 2003, e as mulheres apresentaram uma elevação de cinco horas de trabalho no mercado nesse mesmo período (Aguiar e Hurst, 2007).

11. Com relação aos afazeres domésticos, os homens americanos apresentaram um aumento de quatro horas semanais no período de 1965 a 2003. As mulheres americanas, por sua vez, apresentaram uma redução de treze horas semanais (Aguiar e Hurst, 2007).

GRÁFICO 1

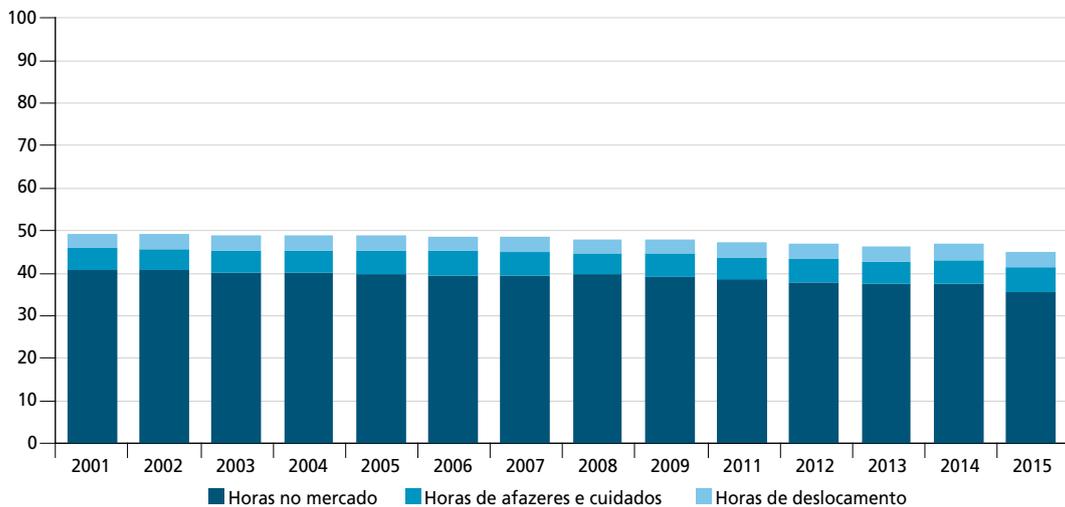
Mulheres: horas semanais de trabalho (mercado e afazeres) e de deslocamento – Brasil (2001-2015)



Fonte: Pnad/IBGE.
Elaboração da autora.

GRÁFICO 2

Homens: horas semanais de trabalho (mercado e afazeres) e de deslocamento – Brasil (2001-2015)



Fonte: Pnad/IBGE.
Elaboração da autora.

Os gráficos 1 e 2 ainda revelam outra informação importante quanto ao uso do tempo dedicado ao trabalho: se o total de horas trabalhadas (trabalho remunerado no mercado mais trabalho não remunerado em afazeres domésticos) for considerado, as mulheres trabalham mais do que os homens. Para ambos os sexos, verifica-se uma redução de trabalho total ao longo do período de análise. Em 2001, o total de horas trabalhadas das mulheres era de cinquenta e duas horas semanais, enquanto em 2015 a jornada semanal foi de quarenta e cinco horas. Para os homens, houve uma queda de quatro horas semanais ao longo do período (de quarenta e cinco horas, em 2001, para quarenta e uma horas, em 2015). Portanto, em termos absolutos, as mulheres

trabalhavam sete horas a mais do que os homens em 2001 e, em 2015, essa diferença reduziu-se para quatro horas.

A redução do número de horas de trabalho total ao longo de todo o período de análise ocorre por razões diferentes entre homens e mulheres. Para as últimas, tal queda é explicada majoritariamente pela redução das horas de trabalho em afazeres domésticos, enquanto para os homens a diminuição do total de horas trabalhadas verifica-se pela queda preponderante das horas de trabalho no mercado.¹²

Com relação à evolução da média do tempo semanal do deslocamento casa-trabalho-casa, os gráficos 1 e 2 revelam uma estabilidade desse tempo tanto para as mulheres (de duas horas semanais) quanto para os homens (de quatro horas semanais). Outra observação digna de nota é a de que o tempo dedicado ao deslocamento casa-trabalho-casa acompanha em termos qualitativos a evolução do uso do tempo dedicado ao trabalho no mercado.

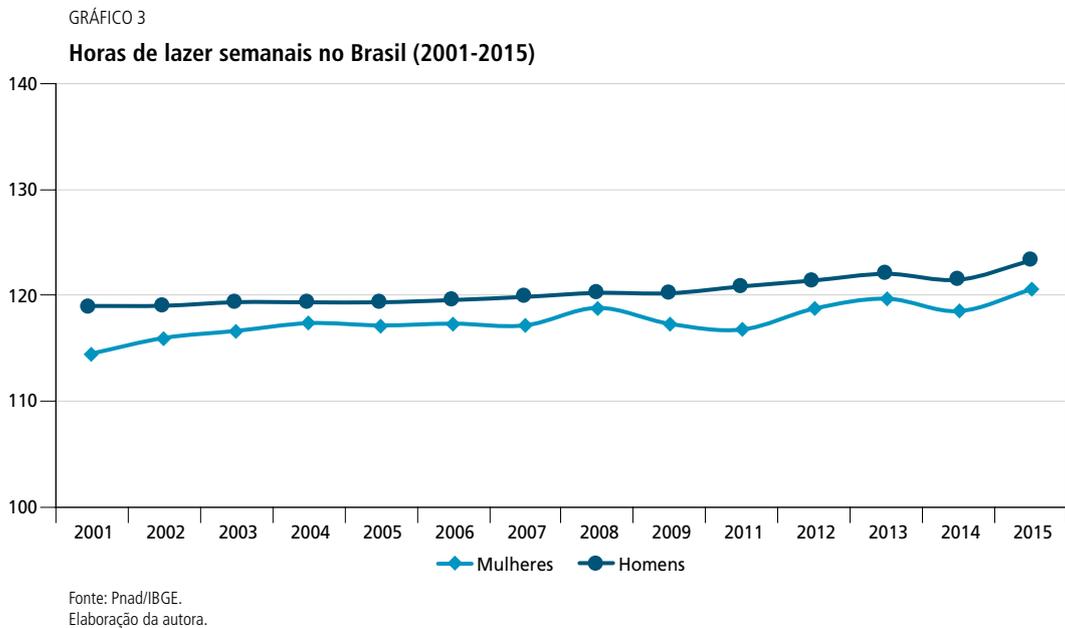
4 TEMPO DEDICADO AO LAZER NO BRASIL¹³

O gráfico 3 mostra a evolução do tempo dedicado ao lazer ao longo do período de 2001 a 2015 no Brasil. O gráfico revela uma elevação do tempo dedicado ao lazer ao longo do período tanto para homens quanto para mulheres, sendo o aumento do lazer das mulheres mais acentuado. Em 2001, o tempo dedicado ao lazer para homens foi de cento e dezenove horas semanais, e o das mulheres de cento e quatorze horas. Em 2015, o lazer dos homens aumentou para cento e vinte e três horas semanais, enquanto para as mulheres a elevação foi de sete horas semanais (em 2015, o lazer das mulheres foi de cento e vinte e uma horas). Nota-se, portanto, que homens têm mais tempo de lazer do que as mulheres. Essa diferença de horas de lazer entre homens e mulheres é explicada pelo fato de que o trabalho total (remunerado mais não remunerado) é menor para os homens em relação às mulheres.

A elevação do lazer ocorre por razões diversas entre homens e mulheres. Como visto na seção 3, os homens defrontaram-se com uma redução nas horas de trabalho no mercado e uma estabilidade das horas dedicadas aos afazeres domésticos. Portanto, o que explica a elevação do tempo do lazer dos homens é a redução do trabalho remunerado. Por sua vez, as mulheres defrontaram-se com um pequeno aumento da jornada de trabalho no mercado e uma diminuição de maior magnitude nas horas despendidas na realização de afazeres domésticos. Assim, o que explica a elevação do tempo dedicado ao lazer das mulheres é a redução do tempo dedicado à jornada de trabalho doméstico.

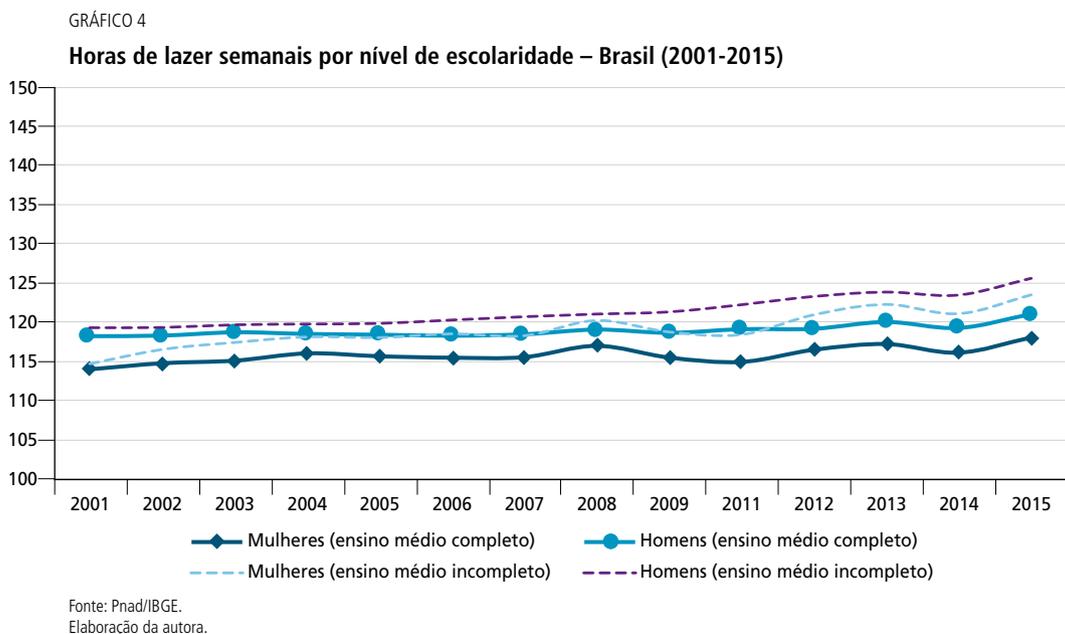
12. Vale lembrar que em Aguiar e Hurst (2007) verifica-se uma redução significativa das horas em afazeres domésticos para as mulheres. Essa redução foi maior, em termos absolutos, ao aumento das horas de trabalho no mercado, o que gerou a redução nas horas de trabalho total.

13. Com base em uma pesquisa de percepção (Sistema de Indicadores de Percepção Social – Sips) realizada pelo Ipea, Campos (2012) faz uma análise qualitativa interessante sobre as percepções comuns da relação entre o tempo de trabalho e o tempo livre disponível. O autor sugere que o tempo de trabalho remunerado afeta – de forma significativa, crescente e negativa – o tempo livre do entrevistado, gerando efeitos adversos sobre a qualidade de vida e sobre as atividades de lazer dos entrevistados. Para uma análise interessante sobre o que o autor chama de “tempos sociais” no Brasil, ver também Campos e Phintener (2016a; 2016b).



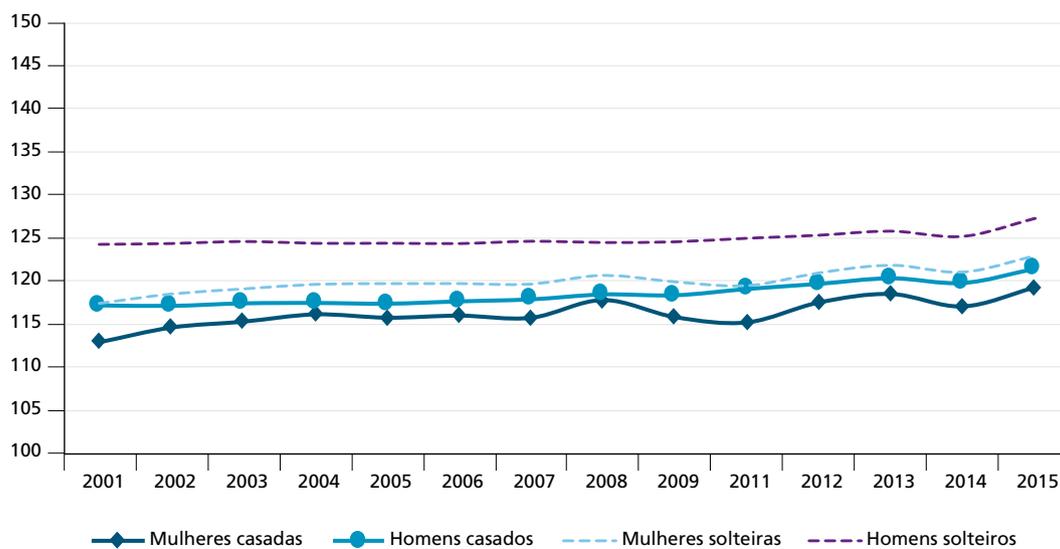
Os próximos gráficos apresentados nesta seção exploram a elevação do lazer ocorrida no período de 2001 a 2015 de forma mais detalhada, na medida em que a análise é feita para importantes grupos demográficos associados ao nível educacional, ao estado conjugal e à existência de filhos pequenos na família.

O gráfico 4 mostra a evolução de horas de lazer por nível de escolaridade (ensino superior completo e ensino superior incompleto) para homens e mulheres. O gráfico revela uma elevação de horas de lazer para ambos os níveis de escolaridade, sendo que o aumento do lazer prevaleceu entre as pessoas (homens e mulheres) com menor qualificação (ensino superior incompleto). Vale observar também que homens e mulheres com baixa qualificação têm mais tempo de lazer do que os homens e as mulheres de nível de ensino superior completo, respectivamente.



O gráfico 5 mostra a evolução de horas de lazer semanais de homens e mulheres por estado conjugal. Homens solteiros e mulheres solteiras têm mais tempo de lazer do que homens casados e mulheres casadas. Essa distinção de lazer por estado conjugal é explicada pelo fato de que homens casados têm uma jornada de trabalho no mercado significativamente maior do que homens solteiros. No caso de afazeres domésticos, os solteiros têm apenas uma jornada levemente superior do que os casados. Ou seja, a jornada de trabalho no mercado dos casados é o fator responsável que explica o menor tempo de lazer para estes em relação aos solteiros. Para as mulheres, a distinção de lazer entre casadas e solteiras pode ser explicada pela diferença bastante expressiva da jornada de afazeres domésticos entre esses dois grupos de mulheres. Vale observar que as mulheres casadas dedicam um tempo significativamente maior aos afazeres domésticos do que as solteiras. Essa diferença tem uma magnitude bem maior do que a diferença de horas dedicadas ao trabalho no mercado entre solteiras e casadas.

GRÁFICO 5

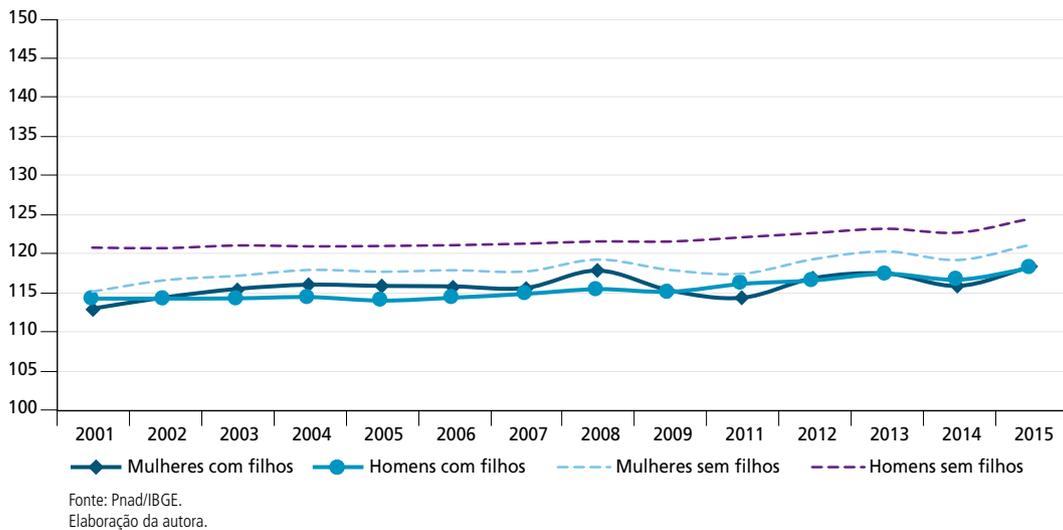
Horas de lazer semanais por estado conjugal – Brasil (2001-2015)

Fonte: Pnad/IBGE.
Elaboração da autora.

O gráfico 6 mostra a evolução de horas de lazer semanais de homens e mulheres por condição de filho entre 0 e 4 anos de idade. Homens e mulheres sem filhos têm um tempo maior de lazer do que os homens e as mulheres com filhos, respectivamente. A diferença do tempo de lazer entre homens sem e com filhos é bem mais ampla do que a diferença do tempo de lazer entre mulheres sem e com filhos.

GRÁFICO 6

Horas de lazer semanais por existência de filho – Brasil (2001-2015)



5 TENDÊNCIAS NA ALOCAÇÃO DO TEMPO NO BRASIL: ANÁLISE DE 2001 A 2015

Esta seção tem como objetivo documentar as tendências na alocação do uso do tempo ao longo do período entre 2001 e 2015, condicionando a mudança no uso do tempo dedicado ao trabalho e ao lazer em variáveis demográficas. Nas últimas décadas, o Brasil tem se defrontado com significativas transformações demográficas (Camarano, 2014). As mudanças ocorridas no início deste século ficam evidentes com os dados mostrados na tabela A.1, que descreve a composição demográfica das amostras usadas neste estudo para os anos de 2001, 2008 e 2015. A tabela revela que o(a) brasileiro(a) ficou mais velho(a), mais educado(a), aumentou a probabilidade de ficar solteiro(a) e tem tido menos filhos. Todas essas mudanças podem afetar como um indivíduo escolhe alocar o seu tempo. Por exemplo, homens e mulheres com idade próxima aos 60 anos têm maior probabilidade de alocarem menos tempo de trabalho no mercado do que homens e mulheres ao redor dos 40 anos de idade. Não seria surpresa, portanto, verificar que o tempo de lazer das pessoas mais velhas é maior do que o das pessoas mais novas. Ter menos filhos é outro exemplo de que a alocação de tempo pode mudar. Neste caso, o tempo dedicado aos afazeres domésticos e ao cuidado de dependentes tem maior propensão de ser reduzido.

O arcabouço utilizado para avaliar as tendências no uso do tempo nas atividades de trabalho no mercado, de afazeres domésticos, de deslocamento casa-trabalho-casa e no lazer é condicionar cada uma dessas atividades de uso do tempo em diversas variáveis demográficas. A metodologia adotada neste estudo tem como base o arcabouço utilizado por Aguiar e Hurst (2007).¹⁴ O modelo para análise das tendências do uso do tempo pode ser descrito pela seguinte equação, a ser estimada para homens e mulheres separadamente:

14. Uma exceção é que no estudo de Aguiar e Hurst (2007) foi incluída a variável referente ao dia de semana em que ocorreu a atividade do uso do tempo em questão. Como a Pnad não disponibiliza essa informação, essa variável não foi incluída no nosso modelo.

$$T_{it}^j = \alpha + \sum_{t=2002}^{n=13} \beta_{ij} D_{ij} + \gamma_{idade} Id_{it} + \gamma_{raça} Raça_{it} + \gamma_{educa} Educa_{it} + \gamma_{casado} Casado_{it} + \gamma_{chefe} Chefe_{it} + \gamma_{filho_{0a4}} Filho_{0a4}_{it} + \varepsilon_{i,j}, \quad (1)$$

em que T_{it}^j é o uso do tempo despendido na atividade j para o indivíduo i no ano t ; D_{ij} é uma variável *dummy* para cada ano; Id_{it} é um vetor de *dummies* de faixa de idade (24-29 anos; 30-39 anos; 40-49 anos; 50-59 anos; e 60-64 anos de idade) em que o indivíduo i se inclui no ano t ; $Raça_{it}$ é uma *dummy* igual a 1 quando o indivíduo i for branco e 0 quando não branco; $Educa_{it}$ é um vetor de *dummies* de nível educacional (zero a três anos de escolaridade, quatro a sete anos de escolaridade; oito a dez anos de escolaridade; e mais de onze anos de escolaridade) em que o indivíduo i se inclui no ano t ; $Casado_{it}$ é uma *dummy* igual a 1 se o indivíduo i for casado no ano t ; $Chefe_{it}$ é uma *dummy* igual a 1 se o indivíduo i for chefe do domicílio no ano t ; e $Filho_{0a4}_{it}$ é uma *dummy* igual a 1 se o indivíduo i tiver pelo menos um(a) filho(a) entre 0 e 4 anos de idade no ano t . Por fim, foram incluídas no modelo variáveis geográficas *dummies* que indicam a Unidade Federativa (UF) do domicílio e se o domicílio em questão localiza-se em área urbana e região metropolitana.

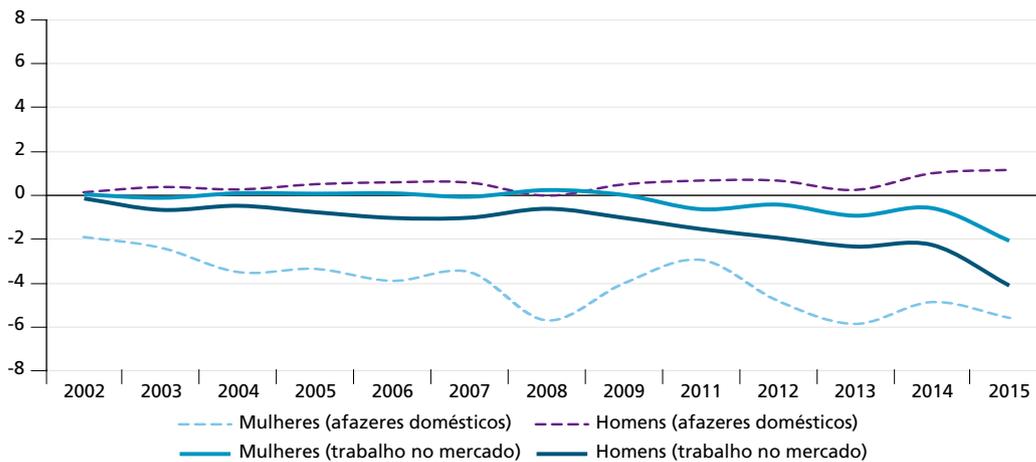
Os coeficientes das *dummies* de ano descrevem como o tempo médio gasto em uma determinada atividade (trabalho no mercado, trabalho doméstico, deslocamento trabalho-casa-trabalho e lazer) tem mudado ao longo do tempo, com controle das mudanças em variáveis demográficas importantes acima especificadas. Os gráficos 7, 8 e 9 apresentam as tendências em relação ao uso do tempo para as atividades de trabalho, deslocamento e lazer com base nos coeficientes de cada ano (sendo o ano de 2001 tomado como ano-base).¹⁵ De forma geral, os gráficos a seguir replicam os resultados mostrados anteriormente quanto à evolução do uso do tempo por sexo no Brasil ao longo dos primeiros quinze anos do século XXI.

O gráfico 7 mostra que o tempo dedicado ao trabalho no mercado sofreu uma queda tanto para homens (quatro horas semanais) quanto para mulheres (duas horas semanais) se o ano de 2015 for comparado com o ano de 2001. Ou seja, como visto anteriormente, a redução nas horas dedicadas ao trabalho remunerado (no mercado) foi mais acentuada para os homens do que para as mulheres. Com relação ao tempo dedicado aos afazeres domésticos, o gráfico revela que os homens apresentaram um leve aumento (um pouco mais de uma hora semanal entre 2001 e 2015) e as mulheres reduziram de forma expressiva o tempo semanal dedicado a esta atividade (redução de sete horas semanais entre 2001 e 2015).

15. Todas as estimativas dos coeficientes de anos mostradas nos gráficos citados são apresentadas na tabela A.2.

GRÁFICO 7

Tendências do tempo gasto no trabalho remunerado (mercado) e trabalho não remunerado (afazeres domésticos) – Brasil (2001-2015)

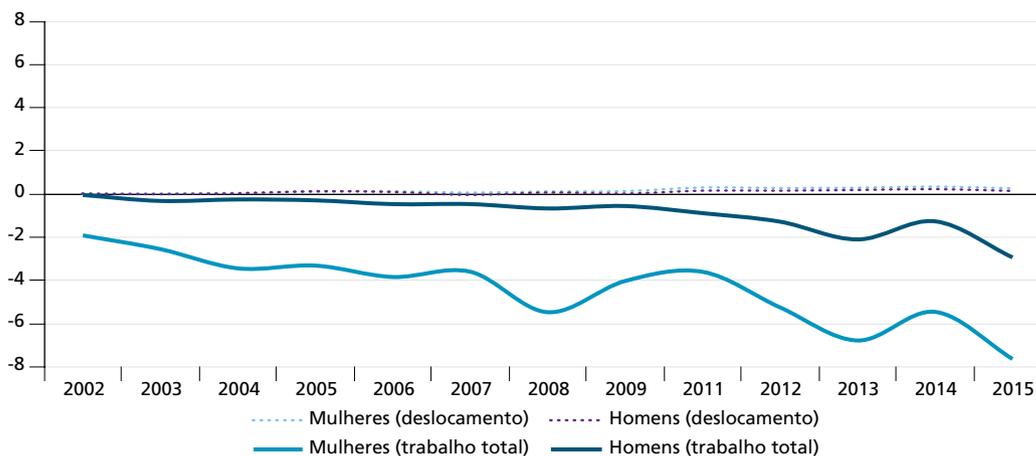


Fonte: Pnad/IBGE.
Elaboração da autora.

O gráfico 8 mostra as tendências ocorridas quanto ao uso do tempo dedicado ao trabalho total (mercado mais doméstico) e ao deslocamento casa-trabalho-casa. Quanto a este último uso do tempo, o gráfico revela uma estabilidade na média de horas semanais dedicadas a esta atividade. Estabilidade esta verificada tanto para homens quanto para mulheres. Com relação ao trabalho total, nota-se uma queda da média de horas semanais para ambos os sexos. Essa queda, no entanto, é explicada por razões diversas entre homens e mulheres. Para os homens, a queda do tempo dedicado ao trabalho total é explicada pela redução, em maior proporção, do uso do tempo dedicado ao trabalho no mercado em comparação com o ínfimo aumento ocorrido na dedicação aos afazeres domésticos. Para as mulheres, a diminuição do trabalho total é explicada majoritariamente pela redução significativa no tempo semanal médio dedicado ao trabalho doméstico em comparação com a redução em menor proporção do trabalho no mercado.

GRÁFICO 8

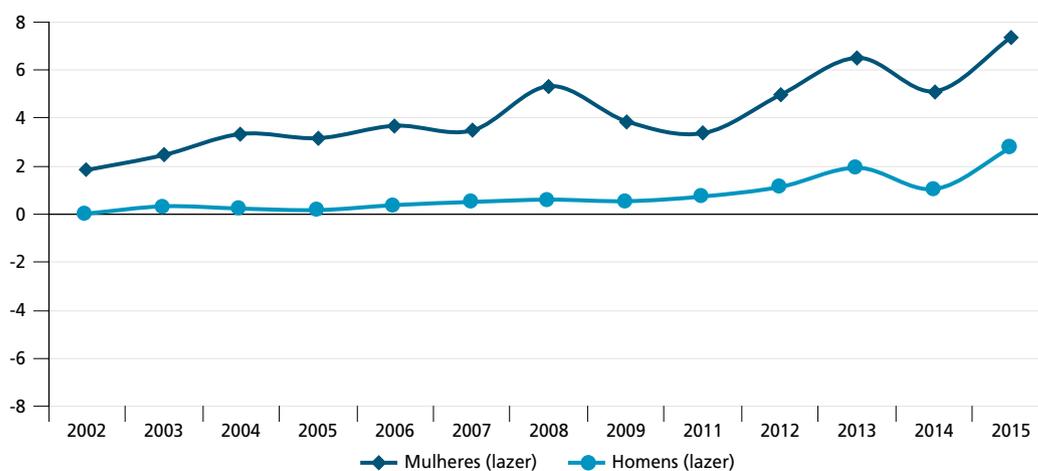
Tendências do tempo gasto no trabalho total e no deslocamento casa-trabalho-casa – Brasil (2001-2015)



Fonte: Pnad/IBGE.
Elaboração da autora.

O gráfico 9 mostra a tendência em relação ao uso do tempo dedicado ao lazer. Tanto homens quanto mulheres experimentaram uma elevação de lazer ao longo do período entre 2001 e 2015. Para as mulheres, o aumento foi maior do que o dos homens. De 2001 a 2015, houve um acréscimo de sete horas semanais de lazer para as mulheres e de apenas três horas semanais para os homens. Como visto nos gráficos 7 e 8, a elevação de lazer para as mulheres deu-se pela redução bastante significativa de suas horas dedicadas aos afazeres domésticos. O crescimento do lazer para os homens, por sua vez, foi fruto da redução das horas de trabalho no mercado, redução essa que foi em maior proporção do que o leve aumento das horas dedicadas aos afazeres domésticos. Por fim, vale observar que esses movimentos explicam, em parte, as tendências mostradas na queda do diferencial de horas de lazer entre homens e mulheres, que ainda é superior para os homens.

GRÁFICO 9

Tendências do tempo gasto no lazer – Brasil (2001-2015)

Fonte: Pnad/IBGE.
Elaboração da autora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta nota foi documentar tendências na alocação do tempo no Brasil ao longo do período entre 2001 e 2015. A metodologia adotada baseou-se no estudo de Aguiar e Hurst (2007), que documentam as tendências na alocação do tempo ao longo de um período de quarenta anos para os Estados Unidos.

Os resultados encontrados sugerem que homens brasileiros desfrutaram de mais horas de lazer do que as mulheres brasileiras, ainda que haja uma tendência de redução dessa diferença ao longo do tempo. Há uma elevação do tempo dedicado ao lazer tanto para os homens quanto para as mulheres, sendo que este aumento dá-se de forma mais acentuada para as mulheres. Os resultados mostram ainda que o crescimento no número de horas de lazer ao longo do período foi ocasionado por razões diversas entre homens e mulheres. Para os homens, a elevação do lazer (de quatro horas semanais ao longo de 2001 a 2015) pode ser explicada por uma redução expressiva nas horas trabalhadas no mercado em comparação com o leve aumento ocorrido nas horas dedicadas aos afazeres

domésticos, enquanto para as mulheres brasileiras a elevação nas horas de lazer (de sete horas semanais no período 2001-2015) pode ser explicada por uma redução nas horas dedicadas aos afazeres domésticos e uma queda pouco acentuada nas horas direcionadas ao trabalho no mercado. Em termos demográficos, o estudo mostra que a elevação do lazer prevaleceu entre as pessoas (homens e mulheres) com menor qualificação (ensino superior incompleto).

Uma limitação do estudo diz respeito à definição de lazer adotada, que foi feita de forma residual, isto é, o lazer foi definido como o tempo não dedicado às atividades de trabalho (remunerado e não remunerado) e de deslocamento entre casa e trabalho. O refinamento desta definição só se torna possível com a disponibilidade de pesquisas específicas sobre o uso do tempo para o Brasil, que podem contribuir de forma significativa para análise mais precisa de atividades de uso do tempo direcionadas além do mercado.

São diversas extensões possíveis para este estudo. A primeira delas é a de analisar de forma mais detalhada quais foram os principais fatores demográficos que contribuíram para as tendências das atividades de uso do tempo apresentadas neste estudo. Outra extensão trata de uma análise mais aprofundada entre renda e alocação do tempo no Brasil. Em estudo recente, Olmos (2017) sugere que, em países desenvolvidos, há um diferencial do tempo de lazer com relação à renda, com os indivíduos mais pobres desfrutando de mais lazer do que os mais ricos. Nos países em desenvolvimento, o autor sugere a relação oposta: indivíduos mais pobres em renda são também mais pobres em tempo de lazer. Neste contexto, uma investigação da evolução da desigualdade do uso do tempo também é um tema que merece atenção. Por fim, um tópico interessante para pesquisas futuras é investigar as desigualdades de gênero existentes tanto no mercado de trabalho quanto dentro da família, e avaliar o impacto destas desigualdades na alocação do uso do tempo no trabalho e, conseqüentemente, no lazer.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M.; HURST, E. Measuring leisure: the allocation of time over five decades. **Quarterly Journal of Economics**, v. 122, n. 3, p. 969-1006, Aug. 2007.
- AGUIAR, M.; HURST, E.; KARABARBOUNIS, L. Recent developments in economics of time use. **The Annual Review of Economics**, v. 4, p. 373-397, 2012.
- BECKER, G. S. A theory of the allocation of time. **Economic Journal**, v. 75, p. 493-517, 1965.
- BIRCH, E. R.; LE, A. T.; MILLER, P. W. Time use surveys. *In*: _____; _____; _____. (Eds.). **Household divisions of labour**. London: Palgrave Macmillan, 2009. cap. 2.
- BROWNING, M.; CHIAPPORI, P.-A.; WEISS, Y. **Economics of the family**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- BUSSAB, W.; MORETTIN, P. **Estatística básica**. 4. ed. São Paulo: Atual, 1987.
- CAMARANO, A. A. (Org.). **Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?** Rio de Janeiro: Ipea, 2014.
- CAMPOS, A. **Trabalho e tempo livre**. Brasília: Ipea, 2012. (Texto para Discussão, n. 1767).

CAMPOS, A.; PHINTENER, M. Tempos sociais no Brasil: a experiência de distintos grupos etários nos anos recentes. *In*: MACAMBIRA, J.; ARAÚJO, T.; LIMA, R. (Orgs.). **Mercado de trabalho**: qualificação, emprego e políticas sociais. Fortaleza: IDT, 2016a.

_____; _____. Tempos sociais de jovens no Brasil urbano. *In*: SILVA, E.; BOTELHO, R. (Orgs.). **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas**. Brasília: Ipea, 2016b.

GOLDIN, C. Life-cycle labour force participation of married women: historical evidence and implications. **Journal of Labour Economics**, v. 7, n. 1, p. 20-47, 1989.

GREENWOOD, J.; SESHADRI, A.; YORUKOGLU, M. Engines of liberation. **Review of Economic Studies**, v. 72, n. 1, p. 109-133, 2005.

GREENWOOD, J.; VANDENBROUCKE, G. Hours worked: long-run trends. *In*: DURLAUF, S. N.; BLUME, L. E. (Eds.). **The New Palgrave Dictionary of Economics**. 2. ed. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008.

HECKMAN, J. Effects of child-care programs on women's work effort. **Journal of Political Economy**, v. 82, n. 2, p. 136-163, 1974.

OLMOS, P. **Time poverty in developing countries**. [s.l.]: [s.n.], 2017. Mimeografado.

PEREIRA, R. H.; SCHWANEN, T. **Tempo de deslocamento casa-trabalho no Brasil (1992-2009)**: diferenças entre regiões metropolitanas, níveis de renda e sexo. Brasília: Ipea, 2013. (Texto para Discussão, n. 1813).

UNITED NATIONS. **The Worlds Women 2015**: trends and statistics. New York: United Nations, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BECKER, G. S. **The economic approach to human behavior**. Chicago: The University of Chicago Press, 1976.

KOPECKY, K. **The trend in retirement**. Rochester: University of Rochester, 2005.

SOARES, C.; SABOIA, A. L. **Tempo, trabalho e afazeres domésticos**: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. (Texto para Discussão, n. 21).

VANDENBROUCKE, G. **A model of the trends in hours**. Rochester: University of Rochester, 2005. (Economie D'avant Garde Research Report, n. 11).

APÊNDICE

TABELA A.1

Estatísticas descritivas – Brasil (2001, 2008 e 2015)

Variáveis	2001				2008				2015			
	Mulheres		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		Homens	
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
Taxa de participação (%) (= taxa de participação no mercado de trabalho)	61,5	-	90,2	-	66,1	-	90,1	-	64,8	-	88,3	-
Taxa de participação em afazeres domésticos (%) (= proporção de pessoas que realizam afazeres domésticos em relação ao total)	94,2	-	45,2	-	91,0	-	48,3	-	92,8	-	54,7	-
Jornada de trabalho remunerado semanal	20,91	22,03	40,49	20,76	22,77	21,60	39,35	19,19	21,42	20,77	35,23	19,19
Jornada de trabalho não remunerado semanal	30,77	20,13	5,01	8,38	24,28	17,39	4,86	7,55	23,70	16,41	5,93	8,29
Jornada de deslocamento casa-trabalho semanal	1,84	3,30	3,44	4,30	2,11	3,62	3,50	4,45	2,28	3,81	3,48	4,32
Jornada de horas de lazer semanal	114,49	22,89	119,05	22,42	118,84	22,82	120,29	21,02	120,59	22,79	123,36	21,51
Idade	40,07	10,98	39,79	10,89	40,95	11,19	40,54	11,14	42,29	11,33	41,73	11,25
Raça (%) (1 = branco; 0 caso contrário)	57,1	-	55,1	-	52,0	-	50,0	-	47,9	-	45,8	-
Anos de estudo (%) (1 = faixa educacional; 0 c.c.)												
De 0 a 3	27,7	-	29,1	-	19,2	-	21,4	-	13,8	-	16,1	-
De 4 a 7	29,2	-	30,3	-	23,9	-	25,1	-	19,4	-	21,5	-
De 8 a 10	13,8	-	14,4	-	15,0	-	15,8	-	14,5	-	15,8	-
Mais de 11	29,3	-	26,2	-	41,9	-	37,7	-	52,4	-	46,6	-
Casada(o) (%) (1 = se tem cônjuge; 0 c.c.)	67,0	-	74,8	-	64,7	-	71,0	-	63,7	-	68,6	-
Chefe de família (%) (1 = chefe de família; 0 c.c.)	23,4	-	79,8	-	31,0	-	69,8	-	36,8	-	63,7	-
Presença de filhos (%) (1 = se tem filhos na faixa etária; 0 c.c.)												
Filhos(as) de 0 a 4 anos	19,6	-	22,1	-	15,0	-	16,4	-	13,4	-	14,3	-
Filhos(as) de 5 a 9 anos	26,2	-	24,9	-	20,7	-	19,5	-	17,1	-	15,8	-
Filhos de 10 a 14 anos	15,7	-	14,1	-	13,3	-	11,9	-	10,5	-	9,4	-
Filhas de 10 a 14 anos	15,4	-	13,8	-	12,8	-	11,3	-	10,2	-	8,9	-
Filhos de 15 a 19 anos	14,9	-	12,9	-	12,1	-	10,5	-	10,7	-	9,2	-
Filhas de 15 a 19 anos	12,9	-	11,0	-	10,4	-	8,8	-	9,5	-	7,9	-
Existência de creche na vizinhança (%) (1 = se crianças no setor censitário estão na creche; 0 = c.c.)	48,2	-	47,6	-	55,5	-	55,4	-	51,3	-	51,2	-
Presença de idoso no domicílio (%) (idoso = + de 75 anos de idade)	3,8	-	3,6	-	4,6	-	4,4	-	5,0	-	5,1	-
Presença de máquina de lavar no domicílio (%) (1 = domicílio tem máquina de lavar; 0 = c.c.)	37,6	-	35,5	-	46,3	-	43,7	-	66,4	-	64,0	-
Renda familiar <i>per capita</i> líquida (R\$)	586,77	1.135,68	326,49	736,21	660,93	1.205,52	427,45	885,23	710,77	1.171,01	490,50	858,72
Área urbana (%) (1 = residente em área urbana; 0 = c.c.)	86,7	-	84,2	-	87,5	-	85,2	-	88,3	-	86,2	-
Observações	92.927		84.921		103.585		93.642		99.089		89.286	

Fonte: Pnad/IBGE.
Elaboração da autora.

TABELA A.2

Coeficientes das *dummies* de ano apresentadas nos gráficos 22, 23 e 24

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015
Amostra total													
Trabalho no mercado	-0,05 (0,069)	-0,38 (0,069)***	-0,18 (0,069)***	-0,31 (0,068)***	-0,40 (0,068)***	-0,42 (0,068)***	-0,07 (0,068)	-0,39 (0,068)***	-0,88 (0,070)***	-0,95 (0,069)***	-1,39 (0,069)***	-1,18 (0,069)***	-2,81 (0,070)***
Trabalho doméstico (afazeres)	-0,97 (0,055)***	-1,10 (0,055)***	-1,74 (0,055)***	-1,58 (0,054)***	-1,87 (0,054)***	-1,77 (0,054)***	-3,22 (0,054)***	-2,09 (0,054)***	-1,59 (0,055)***	-2,58 (0,055)***	-3,36 (0,055)***	-2,47 (0,055)***	-2,80 (0,055)***
Trabalho total (mer- cado + doméstico)	-1,02 (0,068)***	-1,48 (0,068)***	-1,92 (0,068)***	-1,89 (0,067)***	-2,27 (0,067)***	-2,19 (0,067)***	-3,29 (0,067)***	-2,48 (0,067)***	-2,47 (0,068)***	-3,53 (0,068)***	-4,75 (0,068)***	-3,65 (0,068)***	-5,61 (0,068)***
Horas de desloca- mento	0,04 (0,013)***	0,03 (0,013)**	0,06 (0,013)***	0,14 (0,013)***	0,13 (0,013)***	0,05 (0,013)***	0,13 (0,013)***	0,11 (0,013)**	0,22 (0,013)***	0,25 (0,013)***	0,27 (0,013)***	0,32 (0,013)***	0,24 (0,013)***
Lazer	0,99 (0,072)***	1,45 (0,072)***	1,87 (0,071)***	1,76 (0,071)***	2,14 (0,071)***	2,14 (0,071)***	3,16 (0,071)***	2,37 (0,071)***	2,25 (0,072)***	3,28 (0,072)***	4,47 (0,072)***	3,33 (0,072)***	5,36 (0,072)***
Mulheres													
Trabalho no mercado	0,02 (0,094)	-0,13 (0,094)	0,08 (0,093)	0,06 (0,092)	0,07 (0,092)	-0,08 (0,092)	0,22 (0,093)	0,00 (0,092)	-0,64 (0,094)***	-0,44 (0,094)***	-0,94 (0,094)***	-0,60 (0,094)***	-2,07 (0,095)***
Trabalho doméstico (afazeres)	-1,91 (0,077)***	-2,39 (0,077)***	-3,49 (0,076)***	-3,35 (0,075)***	-3,89 (0,075)***	-3,49 (0,076)***	-5,67 (0,076)***	-4,00 (0,075)***	-2,94 (0,077)***	-4,80 (0,077)***	-5,83 (0,077)***	-4,84 (0,077)***	-5,56 (0,077)***
Trabalho total (mer- cado + doméstico)	-1,89 (0,097)***	-2,52 (0,097)***	-3,42 (0,096)***	-3,29 (0,095)***	-3,82 (0,095)***	-3,57 (0,095)***	-5,45 (0,095)***	-4,00 (0,095)***	-3,58 (0,097)***	-5,23 (0,097)***	-6,77 (0,097)***	-5,44 (0,097)***	-7,63 (0,097)***
Horas de desloca- mento	0,03 (0,016)**	0,05 (0,016)***	0,07 (0,015)***	0,12 (0,015)***	0,14 (0,015)***	0,08 (0,015)***	0,13 (0,015)***	0,14 (0,015)***	0,29 (0,016)***	0,27 (0,016)***	0,28 (0,016)***	0,33 (0,016)***	0,26 (0,016)***
Lazer	1,85 (0,102)***	2,47 (0,102)***	3,34 (0,101)***	3,17 (0,100)***	3,68 (0,100)***	3,49 (0,100)***	5,32 (0,100)***	3,86 (0,100)***	3,38 (0,102)***	4,97 (0,102)***	6,49 (0,102)***	5,11 (0,102)***	7,37 (0,103)***

(Continua)

(Continuação)

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015
						Homens							
Trabalho no mercado	-0,15 (0,091)*	-0,67 (0,090)***	-0,48 (0,090)***	-0,77 (0,089)***	-1,03 (0,089)***	-1,02 (0,089)***	-0,62 (0,089)***	-1,03 (0,089)***	-1,54 (0,091)***	-1,93 (0,091)***	-2,33 (0,091)***	-2,25 (0,091)***	-4,09 (0,091)***
Trabalho doméstico (afazeres)	0,11 (0,039)***	0,36 (0,039)***	0,24 (0,038)***	0,49 (0,038)***	0,57 (0,038)***	0,56 (0,038)***	-0,05 (0,038)***	0,48 (0,038)***	0,65 (0,039)***	0,65 (0,039)***	0,22 (0,039)***	0,99 (0,039)***	1,15 (0,039)***
Trabalho total (mer- cado + doméstico)	-0,03 (0,093)	-0,31 (0,093)***	-0,24 (0,093)***	-0,28 (0,092)***	-0,46 (0,092)***	-0,46 (0,092)***	-0,66 (0,092)***	-0,55 (0,092)***	-0,88 (0,094)***	-1,28 (0,093)***	-2,11 (0,094)***	-1,26 (0,093)***	-2,95 (0,094)***
Horas de desloca- mento	0,03 (0,020)*	0,00 (0,020)	0,04 (0,020)*	0,14 (0,020)***	0,10 (0,020)***	-0,03 (0,020)	0,08 (0,020)***	0,03 (0,020)	0,16 (0,020)***	0,16 (0,020)***	0,19 (0,020)***	0,23 (0,020)***	0,15 (0,020)***
Lazer	0,00 (0,100)	0,30 (0,100)***	0,20 (0,099)**	0,14 (0,098)	0,35 (0,098)***	0,49 (0,098)***	0,58 (0,099)***	0,52 (0,098)***	0,72 (0,100)***	1,12 (0,100)***	1,92 (0,101)***	1,03 (0,100)***	2,80 (0,101)***

Fonte: Pnad/IBGE.

Elaboração da autora.

Obs.: 1. Erro-padrão entre parênteses.

2. *, ** e *** referem-se ao nível de significância dos coeficientes de 10%, 5% e 1%, respectivamente.

